

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

ORGANIZAÇÕES POPULARES



FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR



INTRODUÇÃO

Se é impactante a importância e centralidade que os pobres, marginalizados e sofredores têm no ministério pastoral do Papa Francisco, mais impactante ainda é sua percepção e insistência no caráter estrutural da pobreza, marginalização e sofrimento no mundo. Isso o torna particularmente sensível aos mecanismos econômicos, sociais, políticos e culturais que produzem injustiça e marginalização, bem como aos processos e organizações populares em defesa dos direitos dos pobres e marginalizados.

Para Francisco, a “opção pelos pobres”, que é constitutiva da missão da Igreja, não se restringe a práticas cotidianas de *assistência a necessidades imediatas*, por mais importante e necessário que isso seja. Ela implica e passa também pela vivência e pelo fortalecimento de uma *cultura de solidariedade* que “pense em termos de comunidade” (EG, 188) e que reconheça “a função social da propriedade e o destino universal dos bens” (EG, 189). E tem que enfrentar as *causas estruturais da pobreza e injustiça no mundo*: “A Igreja ‘não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça’” (EG, 183). De modo que o compromisso com os pobres envolve “tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da

pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos” (EG, 188); passa tanto pelos gestos cotidianos de solidariedade quanto pela luta pela transformação das estruturas da sociedade.

E aqui se explicam o apreço e o interesse do Papa Francisco pelos movimentos e organizações populares e, concretamente, os encontros mundiais que tem realizado com eles para discutir os grandes problemas do mundo e as alternativas que vêm sendo gestadas nas periferias do mundo. Enquanto força social que luta pelos direitos dos pobres e marginalizados, os movimentos populares se constituem como mediação de justiça no mundo e, como tal, têm um caráter salvífico-espiritual. Nas palavras de Francisco: são “uma bênção para a humanidade”.

Interessa, aqui, *explicitar* esse caráter salvífico-espiritual das lutas e organizações populares, tal como aparece nos discursos do papa nos encontros mundiais com os movimentos populares, e *desenvolver* sua densidade e seu fundamento teológicos, fortalecendo, assim, o engajamento e o compromisso dos cristãos com os pobres e marginalizados em suas lutas e organizações.

1

“UMA BÊNÇÃO PARA A HUMANIDADE”

DENSIDADE TEOLÓGICA DAS LUTAS E ORGANIZAÇÕES POPULARES

Os encontros do Papa Francisco com os movimentos populares revelam sua preocupação e seu interesse pelos grandes *problemas* socioambientais do mundo atual, bem como pelos *sujeitos* que se esforçam para mudar essa situação e se dedicam ao cuidado da casa comum e pelos *processos sociais* que eles suscitam e desenvolvem no mundo inteiro. Mas revelam também sua percepção da *densidade teológica* ou do caráter espiritual dos problemas socioambientais e das lutas e organizações populares.

Se chama atenção ou mesmo se incomoda muita gente o papa ficar falando dos problemas do mundo atual e (pior ainda, para muitos) tratar disso com os movimentos populares, chama mais atenção e incomoda muito mais tratar esses problemas e esses movimentos como questão de fé e, portanto, como questão de Igreja. Estamos tão acostuma-

dos a uma visão dualista que separa e até opõe espiritual e material e tende a identificar espiritual com culto e doutrina, que causa estranheza falar de questões socioambientais e organizações e lutas populares como questões espirituais.

É precisamente sobre esse ponto que queremos tratar aqui. Mostrar como o Papa Francisco encara os problemas socioambientais, a luta pela justiça e a relação com os movimentos populares como um aspecto ou uma dimensão fundamental da fé cristã e da missão da Igreja no mundo. É verdade que esse não é o tema de seus discursos nos encontros mundiais com os movimentos populares. Nesses discursos, ele trata dos grandes problemas de nosso tempo, dos esforços e das lutas para superar esses problemas e da importância e do papel dos movimentos populares nesse processo. Mas trata tudo isso a partir da fé cristã e no contexto mais amplo da missão da Igreja no mundo atual. A familiaridade com que aborda essas questões e a naturalidade com que as formula em linguagem teológico-eclesial são muito reveladoras de sua percepção e convicção do caráter espiritual dessas questões.

No desenvolvimento do tema, recolheremos nos discursos do papa os textos que falam explicitamente da relação da fé e da Igreja com os problemas socioambientais e com as lutas e organizações populares e, a partir daí, explicitaremos melhor a densidade teológica desses problemas e dessas lutas e organizações populares.

1. DISCURSOS DO PAPA FRANCISCO NOS ENCONTROS MUNDIAIS COM OS MOVIMENTOS POPULARES

Já advertimos que os discursos do Papa Francisco nos encontros mundiais com os movimentos populares não tratam diretamente do caráter teológico dos problemas socioambientais e das lutas e organizações populares. Mas o modo como ele aborda e formula essas questões mostra que elas não são alheias nem indiferentes à fé cristã e à missão da Igreja. Não são questões meramente econômicas, sociais, políticas, culturais, ambientais etc. São também e mais radicalmente questões espirituais; questões que dizem respeito, positiva e/ou negativamente, ao desígnio salvífico de Deus neste mundo ou à realização histórica do reinado de Deus. Daí sua importância fundamental para a Igreja. Daí a necessidade de a Igreja se enfrentar e se envolver com essas questões.

Importa, aqui, em todo caso, recolher nos discursos proferidos nos três encontros mundiais dos movimentos populares (28/10/2014; 09/06/2015; 05/11/2016)¹ os textos onde Francisco indica ou esboça explicitamente o cará-

¹ Cf. PAPA FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Brasília: CNBB, 2015; id. *Discurso do Papa Francisco no II Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Brasília: CNBB, 2015; id. *Discurso do Papa Francisco aos participantes do III Encontro Mundial dos Movimentos Populares*. Brasília: CNBB, 2016. A partir de agora, os números entre parênteses, sem outra indicação, remetem a páginas (1, 2, 3 etc.) dos referidos discursos (I, II, III).

ter salvífico-espiritual dos problemas socioambientais e das lutas e organizações populares, bem como a necessidade de a Igreja se envolver com essas questões. Organizaremos e apresentaremos os referidos textos por afinidade temática, indicando, assim, os aspectos teológicos da problemática que aparecem nos três discursos analisados.

A. Deus-pobres

– “A Bíblia lembra-nos de que Deus escuta o clamor de seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e todas as nossas irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra” (II, 5s).

B. Sinal dos tempos

– “Este encontro dos movimentos populares é um sinal, um grande sinal: viestes apresentar diante de Deus, da Igreja e dos povos uma realidade que muitas vezes passa em silêncio. Os pobres não suportam a injustiça, mas também lutam contra ela” (I, 5).

C. Macroecumenismo

– “Nós que estamos aqui, de diferentes origens, credos e ideias, talvez não estejamos de acordo acerca de tudo, certamente pensamos de modo diverso sobre muitas coisas, mas, sem dúvida, estamos de acordo sobre estes pontos” (III, 7):

“trabalho digno para os que estão excluídos do mercado de trabalho; terra para os camponeses e as populações indígenas; habitações para as famílias desabrigadas; integração urbana para os bairros populares; eliminação da discriminação, da violência contra as mulheres e das novas formas de escravidão; fim de todas as guerras, do crime organizado e da repressão; liberdade de expressão e de comunicação democrática; ciência e tecnologia a serviço dos povos”; “um projeto de vida que rejeite o consumismo e recupere a solidariedade, o amor entre vós e o respeito pela natureza como valores essenciais” (III, 6s).

– “Peço-vos, por favor, que rezeis por mim, e aos que não podem rezar, peço, pensai bem de mim e mandai-me boas energias. Obrigado!” (III, 23).

D. Sistema/mercado-idolatria

– “Estamos vivendo uma terceira Guerra Mundial, mas por etapas. Há sistemas econômicos que, para sobreviver, devem fazer guerras. Então, fabricam-se e vendem-se armas e, assim, os balanços das economias que sacrificam o homem aos pés do ídolo do dinheiro obviamente estão salvos”; “um sistema econômico centrado no ‘deus dinheiro’ tem também necessidade de saquear a natureza, saquear a natureza para manter o ritmo frenético de consumo que lhe é próprio” (I, 15).

– Temos “um sistema que, apesar de acelerar irresponsavelmente os ritmos da produção, apesar de implementar métodos na indústria e na agricultura que sacrificam a Mãe

Terra na área da ‘produtividade’, continua a negar a milhões de irmãos os mais elementares direitos econômicos, sociais e culturais. Esse sistema vai contra o projeto de Jesus” (II, 15s).

– Há uma nova forma de “colonialismo” na América Latina que é “o poder anônimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados ‘livre comércio’ e a imposição de medidas de ‘austeridade’ que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres” (II, 18s).

– “Aquele ‘fio invisível’ [...], aquela estrutura injusta que une todas as exclusões que vós padeceis, pode consolidar-se e transformar-se em um chicote, um chicote existencial que, como no Egito do Antigo Testamento, escraviza, rouba a liberdade, golpeia sem misericórdia certas pessoas e ameaça constantemente outras, para abater todos como animais, até onde o dinheiro divinizado quiser” (III, 9).

– “Há quase cem anos, Pio XI previu a imposição de uma ditadura global da economia, à qual chamou ‘imperialismo internacional do dinheiro’ [QA, 109] [...] e foi Paulo VI que denunciou, há quase cinquenta anos, a ‘nova forma abusiva de domínio econômico nos planos social, cultural e até político’ [AO, 44] [...]. A Igreja e os profetas dizem há milênios aquilo que tanto escandaliza que o papa repita neste tempo, no qual tudo isto alcança expressões inéditas. Toda a doutrina social da Igreja e o magistério dos meus predecessores estão revoltados contra o ídolo dinheiro, que reina em vez de servir, tiraniza e aterroriza a humanidade” (III, 10).

E. Missão da Igreja

– “É estranho, mas se falo disto para alguns, o papa é comunista. Não compreende que o amor aos pobres está no centro do Evangelho. Terra, casa e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja” (I, 7s).

– Falando da construção de “uma alternativa humana à globalização exclusiva”, afirma que “a Igreja não pode nem deve estar alheia a esse processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes de pastoral realizam uma grande tarefa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas de saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode fortalecer esses esforços e os processos de mudança” (II, 13).

– “Digamos sem medo: queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Esse sistema é insuportável [...] A globalização da esperança que nasce dos povos e cresce entre os pobres deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença” (II, 7).

– “Não é tão fácil definir o conteúdo da mudança, ou seja, o programa social que reflita este projeto de fraternidade e justiça que esperamos. Nesse sentido, não esperem uma receita deste papa. Nem o papa nem a Igreja têm o monopólio

da interpretação da realidade social e da proposta de solução para os problemas contemporâneos” (II, 14).

– Falando de colonialismo, reconhece: “Com pesar, digo: ‘em nome de Deus’, cometeram-se muitos e graves pecados com os povos nativos da América [...] também quero que recordemos os milhares de sacerdotes e bispos que se opuseram fortemente à lógica da espada, com a força da cruz” (II, 20s).

– “A casa comum de todos nós está sendo saqueada, devastada, arrasada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave [...]. Peço-vos, em nome de Deus, que defendais a Mãe Terra” (II, 22).

– “Este sistema já não funciona. Devemos mudá-lo, devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre aquele pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas das quais precisamos. Com paixão, mas sem violência [...]. Nós, cristãos, temos algo muito bonito, uma linha de ação, um programa, poderíamos dizer, revolucionário”: “as bem-aventuranças no capítulo 5 de São Mateus e 6 de São Lucas e também o trecho de São Mateus 25” (I, 16s).

– “A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: É um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada” (II, 16).

– “São muitos os que, na Igreja, se sentem mais próximos dos movimentos populares. Muito me alegro por isso! Ver a Igreja com as portas abertas a todos vós, que se envolvem, acompanham e conseguem sistematizar em cada diocese, em cada comissão ‘justiça e paz’ uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares” (II, 5).

– “Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem dores de parto até que brote a justiça” (II, 13).

F. Movimentos populares

– “Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno que se rebela contra a injustiça social” (II, 10); “Esse apego ao bairro, à terra, ao território, à profissão, à corporação, esse reconhecer-se no rosto do outro, essa proximidade no dia a dia, com suas misérias e os seus heroísmos cotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor” (II, 11).

– Solidariedade “é muito mais do que alguns gestos de generosidade esporádicos. É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, da terra e da casa, da negação dos direitos sociais e laborais. É fazer frente aos efeitos destruidores do império do dinheiro: as deslocações forçadas, as emigrações dolorosas, o tráfico de pessoas, as drogas, as guerras, a violência e